

PREVENINDO O ABUSO

CONTRA CRIANÇAS

Fazendo a Diferença

Todos os pais ficam zangados com os filhos de vez em quando. É quando perdemos o controle de nossas emoções e ações que nos tornamos prejudiciais a nossos filhos. Este seminário irá considerar o que pode acontecer na vida dos pais que vão além do ficar aborrecidos. Não queremos aqui condenar, apenas oferecer compreensão sobre o que pode acontecer em nossa vida e que nos pode levar a ferir nossos filhos. O que os pais, o Clube pode fazer e a comunidade podem fazer? O que cada um de nós pode fazer para contribuir e garantir que este mundo seja um lugar melhor para as crianças?

Ao ler essas informações busque conhecer todos os meios para conduzir corretamente às crianças e ajudar as pessoas da comunidade e igreja a serem modelos a fim de que as crianças sejam mais semelhantes a Jesus. Elas vêm a Deus por meio de nosso comportamento.

1. O valor das crianças aos olhos de Deus

Jesus Disse: “Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mateus 19:14, Marcos 10:14, Lucas 18:16). As crianças são dádivas preciosas de Deus. Deus as deu a nós para conduzi-las e aconselhá-las; e por sua vez a inocência e pureza delas

podem nos mostrar a face de Deus. Nos dias de Jesus, como muitas vezes é o caso em nossos dias, as crianças eram consideradas como propriedade do pai; mas Jesus as apresentou como modelo para os adultos que desejam conhecer a verdade. Jesus não via as crianças com o mal inerente – devido ao pecado original devem apanhar para “ganhar o reino” – ou Ele não teria dito que a elas pertencem ao reino do céu.

Um verso que as pessoas muitas vezes usam para apoiar sua posição de bater nos filhos é: “Poupe a vara e estrague a criança”. Esse verso se refere à vara do pastor, como no Salmo 23, cuja utilização era para confortar. A “vara” deveria ser usada para conduzir e dirigir, não para ferir as crianças. Instruir, aconselhar, conduzir, guiar, dirigir, confortar, amar as crianças certamente não deveriam ser poupados, mas dados em grande medida.

Paulo discute a paternidade ao repetir o mandamento: “Honra a teu pai e a tua mãe”, então exorta os pais a não irem os filhos, mas a criá-los na “disciplina e instrução do Senhor”. Provavelmente, Paulo estivesse tentando corrigir a má compreensão dos pais que praticavam o abuso como parte do poder e autoridade de seu papel paterno. (de Marie Fortune, Working Together, outono de 1983).

2. Disciplina X Abuso

A. Definição de cada um:

O abuso contra a criança é definido como “no mínimo, qualquer ação recente ou falta de cuidado do pai ou responsável, que resulte em morte, prejuízo físico ou emocional grave, abuso sexual ... ou agir de forma a pôr a criança em risco iminente ou deixar de protegê-la contra ele” (Voto de Prevenção de Abuso Contra a Criança e Tratamento – CAPTA).

A “*disciplina*” vem da palavra “discípulo”, significando alguém que segue os ensinamentos de outro. Portanto, disciplina é um meio de ensinar ou ajudar as crianças a aprenderem. (D. Ellis, University of Illinois em Urbana-Champaign).

Por que alguns pais ferem seus filhos; e sintomas de abuso contra a criança.

Por que nossa sociedade tende a espancar, bater, gritar e oprimir nossos filhos? Aquilo que valorizamos e experimentamos em nossa sociedade tende a moldar nossas famílias.

A Fatores que provocam violência na família:

- Glorificação da violência – nesta sociedade, o que glorifica a violência? Os exemplos podem ser esportes, filmes, música, TV, etc.
- Estresse - relação do que ele pode causar na família. Os exemplos podem ser problemas financeiros, crime na comunidade, brigas com o cônjuge.
- Isolamento social – Exemplo: a pessoa que não tem com quem conversar, que fica muito em casa, que se sente só, que é negligenciada e que se exclui do senso de comunidade.
- Desigualdade no lar – o que isso quer dizer? Exemplo: Um dos cônjuges é mais dominante do que o outro, controlador, depreciador, rebaixando o outro quer emocional ou fisicamente (violência doméstica).

A Por que os pais abusam de seus filhos: (por Channing L. Bete Co. Inc.)

- Imaturidade – Muitos jovens, pais inseguros muitas vezes não conseguem compreender o comportamento e necessidades da criança. Algumas necessidades dos pais se intrometem na forma de conduzir os filhos.
- Expectativas irrealistas – Os pais esperam que os filhos se comportem “como adultos” em todos seus estágios de desenvolvimento; ou os pais desconhecem o desenvolvimento “normal” da criança e, portanto, esperam demasiadamente dela.
- Falta de conhecimento a respeito “paternidade” - Os pais não conhecem os vários estágios do desenvolvimento da criança, para saber como educar os filhos. Eles não têm “modelos” de relacionamento familiar bem-sucedido do qual aprender.
- Isolamento social – Falta de amigos ou familiares para ajudar nas pesadas demandas das crianças. Os pais podem se sentir sobrecarregados, além de sua capacidade de enfrentar a situação.
- Necessidades emocionais não satisfeitas – Os pais que não podem se relacionar bem com os outros adultos podem esperar que os filhos cuidem deles, satisfaçam suas necessidades de amor, proteção e auto-estima.

- Crises freqüentes - Problemas financeiros, trabalho, legais, doenças graves, etc., podem fazer com que o pai ou a mãe desconte na criança.
- Experiências ruins na infância - Muitos adultos abusivos sofreram maus-tratos quando crianças e têm baixo auto-estima e nenhuma noção de como o pai ou a mãe deve agir “devidamente”.
- Problemas com bebidas alcoólicas ou drogas – Tais problemas limitam a capacidade paterna de cuidar devidamente dos filhos. Os pais sob a influência de tais substâncias não são racionais em sua forma de ser. A violência no lar muitas vezes ocorre quando um dos pais é viciado.

3. O que é abuso?

Tipos

- o **Maus-tratos físicos**
- o **Sexual**
- o **Verbal**
- o **Mental/emocional**
- o **Negligência**

A Características comuns dos pais que maltratam seus filhos - (por Craig Jackson, Lima Linda University).

Abuso físico

- Escondem o ferimento da criança.
- Parecem não se preocupar com a criança.
- Descrevem a criança como má, diferente, egoísta.
- Advogam a disciplina severa.
- Têm expectativas irrealistas.
- Sofrem de baixo auto-estima.
- São viciados em bebidas alcoólicas ou drogas.

Abuso sexual

- Têm sentimento de posse e ciúmes da criança.
- Relatam história de abuso sexual na infância.
- Consomem bebidas alcoólicas e drogas.
- Isolam-se socialmente.
- Têm mau relacionamento com o cônjuge.
- São imaturos e demonstram impulsos infantis.
- Crêem que a criança gosta do relacionamento sexual.
- Entendem que o relacionamento sexual entre pai e filho é indício de amor e afeição.

Abuso e negligência emocional

- Têm expectativas irrealistas para com a criança.
- Representam ameaça à criança.
- Xingam ou diminuem.
- Tratam os irmãos de forma desigual.
- Sofrem de baixo auto-estima.
- Parecem não se preocupar com a criança.
- Negam o amor como uma forma de punição.

Negligência física

- Apáticos ou passivos.
- Depressivos
- Socialmente isolados.
- Têm baixo auto-estima.
- Condições inseguras de vida.

Características da criança que sofre abuso (Craig Jackson, Loma Linda University)

As crianças podem demonstrar em maior ou menor grau esses sintomas, ou mostrar alguns das várias áreas como, por exemplo, machucados, falta de auto-estima e depressão. Estes são apenas exemplos.

Abuso físico

- Ferimentos inexplicáveis no rosto.
- Ferimentos que estampam a fivela de um cinto.
- Criança que tem muitos ferimentos em casa e não querem contar o que aconteceu.
- Cortes inexplicáveis no rosto, boca, olhos, gengiva, pernas e braços;
- Queimaduras com cigarro.
- Queimaduras com água quente nos pés, mãos, nádegas, que se parecem com emersão em água.
- Queimaduras provocadas por cordas ao redor do pescoço, pulsos ou tornozelos.
- Medo do pai ou da mãe ou do responsável.
- Dificuldade para caminhar, mancar ou ferida nas articulações.
- Criança indiferente, desatenta.

Abuso sexual

- Dificuldade para caminhar ou sentar.
- Falta de controle dos intestinos.
- Sangramento em meninas que ainda não menstruaram ou no caso de meninos no ânus.
- Doença venérea.
- Criança reclamando de dor, cocceira ou inchação na área genital.
- Conhecimento de comportamento sexual impróprio para a idade da criança.
- Falta de auto-estima.
- Depressão.
- Revelação feita pela criança de que é abusada sexualmente.
- A criança pode temer o pai ou a mãe e ser relutante para ir para casa.
- A criança pode falar de segredos; pode dizer que tem algum segredo que não pode contar.



Abuso emocional e negligência

(inclui abuso verbal e mental):

- Desenvolvimento físico retardado.
- Abnegação.
- Depressão, reações impróprias.
- Desordens na fala como, por exemplo, gaguejar.
- Crueldade com outras crianças ou bichinhos de estimação.
- Baixo auto-estima.
- Dificuldade de concentração.
- Dificuldade de formar laços com outras crianças ou adultos.
- Comportamento anti-social extremo como, por exemplo, atear fogo.

Negligência física (É considerado abuso paterno apenas quando pode ser prevenido; do contrário, trata-se de um problema geral):

- Abaixo do peso, fome, palidez.
- Olhar lânguido, fundo, olheiras.
- Falta de higiene, corpo e roupas sujos, mal cheiro.
- Roupas antigas, rasgadas, calçado fora de tamanho.
- Necessidades médicas não atendidas.
- Crianças pedintes, furto ou alimentos escondidos.
- A criança conta que foi deixada sozinha em casa por muito tempo.
- A criança está sempre fatigada, desatenta, preocupada.
- A criança assume responsabilidades adultas.

Resultados da punição física

– dar algumas palmadas na criança não é mau em si, mas quando se torna abuso,

então é prejudicial – tanto emocional quanto fisicamente. É fácil ultrapassar os limites, portanto a pesquisa e os profissionais apóiam o uso de técnicas alternativas que substituam a punição física.

“A crença de que as crianças necessitam disciplina e orientação é parte da sabedoria fundamental das escrituras hebraicas e cristãs. Paulo compreendeu isso como também o escritor de Provérbios. Mas a crença de que a punição física como castigo resultará em uma criança boa que conhece e ama a Deus é aberta à discussão séria. Há evidências contrárias”. (por M. Fortune, que cita R. Bense de V. Mollencott, *Evangelism, Patriarchy, and the Abuse of Children*, Radix).

“A baixa auto-estima, humilhação, depressão e aversão de toda uma vida pela autoridade estão entre os efeitos colaterais indesejáveis desenvolvidos por aqueles que foram que sofreram abuso físico. ...

(Outros efeitos de longo prazo informados a respeito da punição física são vidas de crime violento, sexualidade imprópria e tentativas de suicídio – C. Bailey).

“Há duas culturas diferentes ... uma diz que as crianças são motivadas pelo temor e pelo sentimento de que agiram errado, de que serão punidas. A outra é que elas devem agir corretamente porque é o certo a fazer, não porque serão punidas.” (L. Guydon Taylot, discutindo a pesquisa de Irwin Hyman.)

“Sim, espancar pode deter um comportamento, mas o mesmo pode ser obtido ao se impor conseqüências ou resolução de problemas ou a negociação, e isso não resulta em problemas e de fato beneficia o comportamento da criança. Espancar, por exemplo, tipicamente funciona pelo temor; ‘Não vou puxar o rabo do gato porque irei apanhar’, antes, ‘não irei

puxar o rabo do gato porque é errado ferir os animais’

“... Suponha que haja dois remédios que funcionam, mas um tem efeitos colaterais prejudiciais que apenas se manifestam 10 a 20 anos depois. Ainda que apenas uma dose tenha uma pequena chance de um efeito adverso, creio que os pais desejariam evitar o risco. É assim que eles devem pensar a respeito do espancamento” (M. Straus, Boston Globe).

4. Técnicas de disciplina

(alternativas que podem ser usadas em vez de bater, gritar e chacoalhar) (por D. Ellis, University of Illinois em Urbana-Champaign).

- Ser um exemplo: As crianças imitam o que os outros fazem e eles seguem o exemplo paterno. Se você grita: “Fique quieto”. Provavelmente, gritando você não terá maior sucesso para diminuir o nível do ruído.
- Use o elogio: Elogie o comportamento aceitável. Seja sincero.
- Dê tempo e atenção: As crianças necessitam saber que se seus pais se importam o suficiente para dedicar-lhes tempo. Seja paciente, dê apoio e ajuda quando necessário. Ouça a seu filho.
- Separe o comportamento da pessoa: Expresse sua insatisfação com o mau comportamento e ao mesmo tempo mostre amor pela criança.
- Antecipe problemas: Deixe as crianças saberem a respeito de quaisquer mudanças nas atividades ou rotinas. Diga-lhes o que esperar nas situações novas. Permita-lhes cooperar. Redirecione o comportamento e o ambiente quando

apropriado.

- Evite preocupações sobre o que os outros irão pensar: Ser os “melhores pais” é irrealista. Superproteger a criança apenas retarda o aprendizado das conseqüências. Reconheça qual é o problema.
- Seja compreensivo: O que é real para a criança? Considere o desenvolvimento, as diferenças individuais de personalidade, o alvo da criança e emoções. Ao reconhecer as diferenças você pode construir os sentimentos de confiança da criança. Ignore alguns comportamentos.
- Pense no futuro: Qual é seu verdadeiro alvo? Apresente claramente seu alvo para as crianças ao ministrar a disciplina. Ao assim proceder estará sendo lembrado de encorajar a independência e evitar pressão inaceitável para obter a conformidade.
- Use afirmações positivas: Afirmações positivas expressadas com voz firme e agradável ajudam a criança a saber qual é o comportamento aceitável. As crianças se sentem mais seguras quando os pais são seguros de si mesmos. Enfoque no faça e não no não faça.
- Tenha expectativas: As pessoas geralmente vivem de acordo com as expectativas dos outros. Os pais devem esperar que os filhos cooperem e devem ser exemplos de cooperação.

Algumas técnicas eficientes de orientação usadas pelos pais:

- Dê possibilidade de escolha. As crianças gostam de fazer escolhas porque podem ter algum controle sobre o que irão fazer. Evite fazer

perguntas cuja resposta seja sim ou não. Permita-lhes alternativas que lhes facilitem cooperar. Não dê escolha quando as crianças não têm escolha. Se você der possibilidade de escolha a seu filho, aceite-lhe a decisão.

- Apresente motivos lógicos. As crianças estão mais dispostas a aceitar as normas quando sabem os motivos para elas. Evite discutir e brigar com seu filho. Ouça a si mesmo enquanto explica os motivos a seu filho. O que você está dizendo é lógico?
- Estabeleça limites definidos. Se os seus filhos devem se comportar e cooperar, devem conhecer as normas e os limites. Há uma linha delicada entre a liberdade demasiada e a falta dela.

Ao estabelecer limites faça a si mesmo essas perguntas:

- o O limite é necessário para a segurança da criança?
 - o É necessário para a segurança ou para o bem-estar dos outros?
 - o É necessário para a proteção da propriedade?
 - o O limite ainda é necessário ou já está ultrapassado?
 - o Ele destina-se primeiramente à conveniência dos adultos?
 - o Esse limite impede a criança de tentar e experimentar as coisas?
 - o Como o limite pode ser executado?
- Utilize a aprendizagem por consenso. As crianças podem aprender por consenso. Há três níveis de consenso. O consenso natural que ocorre como resultado de algum comportamento

como, por exemplo, se a criança se atrasa para o jantar, o alimento irá esfriar. Conseqüências lógicas que têm ligação direta com o incidente, mas que são impostas por alguém como, por exemplo, se o brinquedo for tomado emprestado e não devolvido a criança poderá perder o privilégio de brincar com ele por vários dias.

A conseqüência que não tem relação se torna punição, ou seja, retirar os privilégios. Esse tipo de conseqüência deveria ser usado apenas depois que as conseqüências natural e lógica tenham falhado. A conseqüência escolhida deve ser o mais possível condizente com o mau comportamento.

- Tente ser consistente. Consistência total não é humanamente possível. As crianças aprendem com maior facilidade quando as condições são consistentes. Faça o seu melhor e aceite o fato de que as condições mudam. Será mais fácil ser consistente se você limitar o número de normas e pô-las em prática.

O comportamento é o sinal interior dos sentimentos e alvos interiores. Isso nos leva à chave da compreensão do comportamento e do mau comportamento:

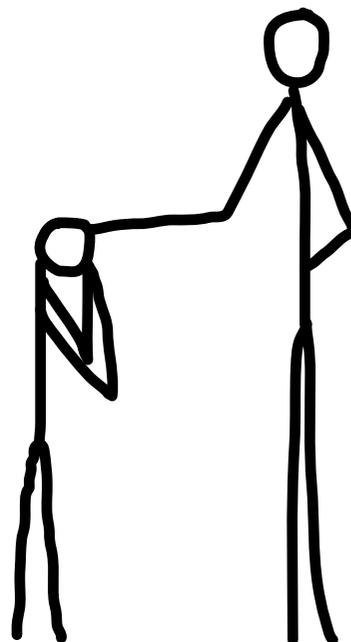
- 1.** Há uma causa para todo mau comportamento.
- 2.** O mau comportamento é apenas um sintoma da causa.
- 3.** A fim de ter sucesso ao lidar com o mau comportamento, devemos primeiro encontrar a causa.

Coloque-se no lugar da criança:

- Que comportamento funciona melhor? As crianças aprendem de diferentes maneiras a se comportarem ao observarem as pessoas. As crianças usarão o comportamento que funcionará melhor para obterem aquilo que desejam. Se chorar for uma técnica bem-sucedida, a criança irá aprender a usá-la. Os pais necessitam estar certos de que as crianças saibam que comportamento é aceitável. Caso certos tipos de comportamento não dêem à criança aquilo que deseja, então é bem provável que não irá repeti-lo.
- A criança está cansada ou enfadada? As crianças que exigem pouco para prender o interesse logo ficam enfadadas e buscam outras atividades que podem levar ao mau comportamento. Se estiverem cansadas ou famintas, seu comportamento manifestará descontentamento. Seja paciente e tente mudar a situação quando possível. Mantenha as crianças ocupadas com atividades que sejam interessantes e apropriadas para sua faixa etária.
- A criança está tentando chamar a atenção? Muitas vezes as crianças se comportam mal porque está é uma forma de chamar a atenção dos pais. Elas necessitam de atenção positiva a cada dia. Devem saber que existe um tempo devotado apenas para elas. Sempre louve as crianças quando se comportam bem. Isso irá encorajá-las a tentar novamente o comportamento aceitável.
- A criança está frustrada? Esperar muito por aquilo que deseja ou não ser capaz de realizar algo sozinha

pode resultar em comportamento agressivo, exigente e egocêntrico. Algumas vezes as crianças não aprenderam a forma apropriada de expressar o desapontamento. Os pais necessitam estabelecer um exemplo ao mostrar formas aceitáveis de expressar os sentimento e identificar os desejos.

- Considere todas as causas possíveis. Algumas vezes pensamos que há apenas uma causa para o comportamento quando pode haver várias. Considere sempre a variedade de fatores que podem contribuir para o comportamento da criança. Pergunte a si mesmo: “Como devo reagir a esse comportamento?” Quando os pais fazem sermão e resmungam, e fazem ameaças inúteis, as crianças os ignoram, e então passam a ser pais de surdos. Ao mudar a forma pela qual eles reagem ou a forma de lidar com a situação, os pais podem ajudar seus filhos a lidarem melhor com a situação e a se comportarem apropriadamente.



- Seja racional e permaneça calmo. Antes de reagir diante de determinado comportamento, o pai ou a mãe deveria primeiro parar e pensar: “por que meu filho fez isto?” Uma vez que consiga identificar os motivos possíveis, a próxima pergunta deveria ser: “O que eu deveria fazer a respeito do comportamento de meu filho?”

Quando os pais reagem com domínio próprio diante do comportamento de seus filhos, as crianças aprendem a ser mais responsáveis por seu próprio comportamento. E é apenas quando nós, pais, compreendemos como as crianças pensam e porque se comportam da maneira que o fazem é que podemos construir uma ponte entre o ponto de vista da criança e o ponto de vista do adulto.

Esperamos que com essa discussão você: Irá pensar primeiro antes de reagir ao comportamento de seus filhos, examinar e identificar as causas possíveis para tal comportamento e discutir pacientemente com eles seus sentimentos em relação ao comportamento que manifestam.

5. Quebre o ciclo da violência

- Cuide. “Amai-vos uns aos outros”.
- Apóie “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”.
- Ouça Assim como Jesus, seja alguém a quem as pessoas se sintam seguras de procurar e de se abrir. Isso reduz o isolamento e constrói a comunidade.
- Informe Aprenda meios alternativos de conduzir as crianças, sem espancá-las. A fim de ajudá-las a se tornarem semelhantes a Cristo, use o amor para confortá-las e conduza-as com abordagens que não as deixem feridas física e emocionalmente.
- Onde buscar ajuda (Esta seção necessita ser preenchida pela pessoa que apresenta o seminário juntamente com a igreja ou assistente social).



As Crianças Vivem o que Aprendem

Se as crianças vivem com crítica; aprenderão a condenar.

Se as crianças vivem com hostilidade, aprenderão a agredir.

Se as crianças vivem com a ridiculização, aprenderão a ser tímidas.

Se as crianças vivem com vergonha, aprenderão a se sentir culpadas.

Se as crianças vivem com tolerância, aprenderão a ser pacientes.

Se as crianças vivem com incentivo, aprenderão a confiar.

Se as crianças vivem com louvor, aprenderão a apreciar.

Se as crianças vivem com justiça, aprenderão a justiça.

Se as crianças vivem com segurança, aprenderão a ter fé.

Se as crianças vivem com aprovação, aprenderão a apreciar a si mesmas.

Se as crianças vivem com aceitação e amizade,

Aprenderão a encontrar amor no mundo.

© 1982 Dorothy Law Nolte

*O material deste capítulo foi produzido por: Cindee Bailey.
Extraído de Youth Ministry Accent, 3º trimestre de 2003, pp. 25-30.*